

A glass bottle with a rolled-up manuscript inside, resting on rocks by a stream in a forest. The background is a blurred forest scene with a building visible in the distance.

EDGAR A. POE
MANUSCRITO
ENCONTRADO EM
UMA GARRAFA

ADAPTAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Fábio Aparecido da Silva

© Renato Massaharu Hassunuma.

Título original

MS. found in a bottle

Conselho Editorial

PROF.^a DR.^a RENATA DE SOUSA TSCHIEDEL

Doutora em Neurociências do Comportamento e Cognição pela Universidade de Brasília (UnB)

BIOMÉDICA ESP. SIMONE KIKUTI

Especialista em Análises Clínicas pela Universidade do Sagrado Coração – USC, Câmpus Bauru. Especialista em Hematologia pela Faculdade Metropolitana.

Capa e Design

Renato Massaharu Hassunuma

Créditos das Figuras

Capa, páginas capitulares e contracapa.

Fonte: Measham A. Message in a bottle[Internet]. 2017 Feb 18 [acesso 25 jan 2023].

Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Message_In_A_Bottle_%28Unsplash%29.jpg.

Figura registrada como: *Creative Commons CC0 1.0 Universal Public Domain Dedication*.

Página 4 – Foto de Edgar Allan Poe.

Fonte: File:Edgar Allan Poe, circa 1849, restored, squared off.jpg [Internet]. 1849 Jun [acesso 2021 mai 13]. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Edgar_Allan_Poe,_circa_1849,_restored,_squared_off.jpg. Figura registrada em domínio público.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

H355m Hassunuma, Renato Massaharu
1.ed. Manuscrito encontrado em uma garrafa [livro eletrônico] / Edgar A. Poe; tradução e adaptação: Renato Massaharu Hassunuma, Fábio Aparecido da Silva. – 1ª ed. – Bauru, SP: Canal 6, 2023.
PDF.

Título original: MS. found in a bottle.
ISBN 978-85-7917-606-7

1. Ficção norte-americana. I. Poe, Edgar A., 1809-1849. II. Silva, Fábio Aparecido da. III. Título.

05-2023/15

CDD: 811.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 811.3

Bibliotecária : Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129



EDGAR A. POE
MANUSCRITO
ENCONTRADO EM
UMA GARRAFA

ADAPTAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Renato Massaharu Hassunuma

Professor Titular do Curso de Biomedicina

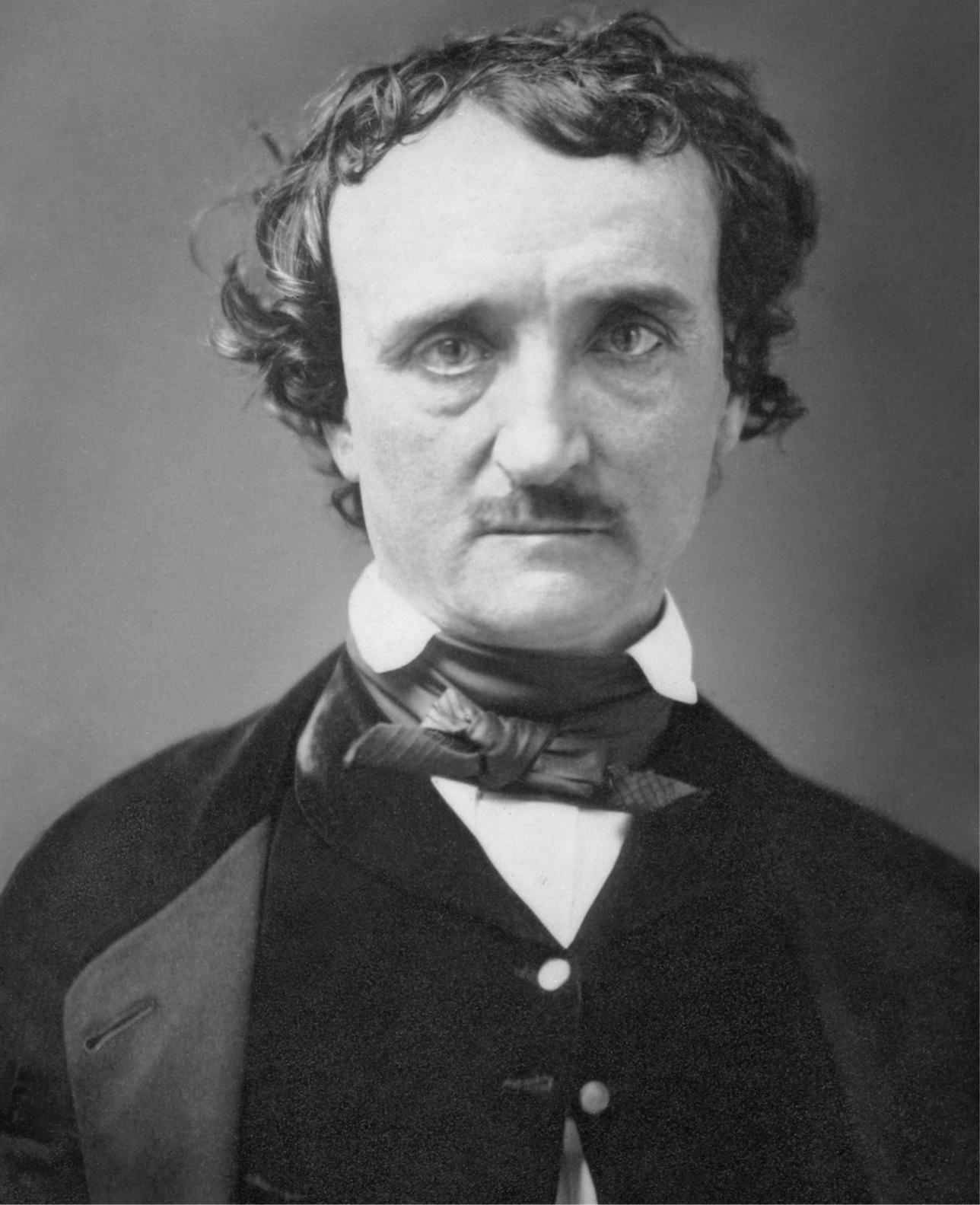
Universidade Paulista - UNIP, Câmpus Bauru

Fábio Aparecido da Silva

Enfermeiro

1ª Edição / 2023

Bauru, SP



Edgar Poe

“Não é na ciência que está a felicidade,
mas na aquisição da ciência”

Edgar A. Poe

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à **Prof.^a Dr.^a Renata de Sousa Tschiedel** e à **Biomédica Esp. Simone Kikuti**, pelas suas valiosas contribuições na revisão da adaptação do conto.

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma,
Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva.*

APRESENTAÇÃO

*Prof. Dr. Renato Massaharu Hassunuma e
Enf. Esp. Fábio Aparecido da Silva*

O conto “Mensagem encontrada em uma garrafa” foi escrito pelo escritor americano Edgar A. Poe em 1833, sendo o texto vencedor de um concurso de redação oferecido pelo jornal semanal *Baltimore Saturday Visiter*. A vitória rendeu ao autor um prêmio de 50 dólares.

A ideia de trabalhar neste conto nos veio após a leitura de um artigo em um *site* da *internet* em que o autor mencionava a volta do escorbuto, uma doença causada pela deficiência de vitamina C, a qual acometia piratas no início do século XVIII, pela deficiência de frutas e verduras em sua alimentação.

A leitura daquele artigo nos fez lembrar desse conto, e aqui está o resultado. Esperamos que leitura seja prazerosa para você, leitor, assim como foi para nós redigirmos essa adaptação! Uma boa leitura!

A glass bottle with a rolled-up manuscript inside, resting on rocks by a stream in a forest. The bottle is the central focus, with the white paper of the manuscript visible through the clear glass. The background is a blurred forest scene with a stream and a building in the distance.

EDGAR A. POE
MANUSCRITO
ENCONTRADO EM
UMA GARRAFA

MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA GARRAFA

Não tenho muito a dizer sobre minha família, nem de onde venho. A falta de educação me afastou de um, e o tempo me afastou do outro. Mas o dinheiro de minha família possibilitou que eu recebesse uma excelente educação, e o meu modo contemplativo de pensar permitiu organizar meus conhecimentos de forma disciplinada.

Sobre este assunto, permita-me dizer que foi um prazer estudar os moralistas alemães; não que eu tenha admiração pelo discurso daquele louco, mas sim pela forma com que minha inteligência consegue detectar as falsidades deles.

Muitas vezes me chamaram a atenção pelo meu gênio difícil. Nunca tive muita imaginação e sempre fui muito cético. Minha preferência pelo pensamento científico sempre me fez avaliar os fatos de acordo com os princípios da ciência.

Ou seja, não existe outra pessoa menos propensa a acreditar em superstições ou histórias fantasiosas do que eu.

Acho importante mencionar isso agora, para vocês não pensarem que o meu relato é fruto de uma imaginação fértil. A descrição que faço é o retrato de uma experiência concreta que vivi, sem exageros ou devaneios.

Depois de muitos anos viajando pelo exterior, embarquei em mil oitocentos e alguma coisa no Porto de Batávia, que ficava na rica e populosa ilha de Java, para uma viagem até o arquipélago de Sonda. Mas fui a passeio, apenas para poder me livrar da ansiedade que me assombrava como um demônio.

Era um belo navio de quase 400 toneladas, com detalhes em cobre, construído em Bombaim com madeira de Malabar. Carregava algodão em rama, óleo das ilhas Laquedivas, fibra de coco, açúcar mascavo, manteiga ghee, nozes de cacau e algumas caixas de ópio. A estocagem fora feita de modo desleixado, fazendo com que o navio se curvasse.

O navio zarpou com uma brisa suave. E, por alguns dias, viajamos ao longo da costa oriental de Java, sem nenhum contratempo. Nada senão alguns encontros casuais com outras embarcações pequenas do arquipélago para onde íamos.

Em certo final de tarde, apoiado no parapeito da popa do navio, vi à noroeste uma nuvem solitária muito peculiar. Ela era exuberante pela sua grandeza, riqueza de cores, e por ser a primeira que vimos desde nossa saída da Batávia. Fiquei observando-a até o pôr do sol, quando ela começou a se espalhar de leste a oeste, formando uma faixa que acompanhava todo o horizonte.

Em seguida, minha atenção se voltou para uma lua vermelha brilhando no céu, dando um aspecto pitoresco ao mar, o qual parecia mais transparente que o normal. Eu conseguia ver o fundo do mar. Usando uma sonda, percebi que havia uns trinta metros de profundidade.

Senti uma brisa quente se formando que, aos poucos, ao chegar da noite, diminuía cada vez mais. E, então, tudo ficou tranquilo. Não havia vento nem para balançar a chama que queimava na popa.

O capitão nos dizia que não havia perigo. Estávamos sendo levados pela correnteza para a costa. Ele ordenou o recolhimento das velas e o lançamento da âncora. Não havia nenhum vigia designado, e o restante da tripulação descansava no convés. Disse ao capitão que pressentia um vendaval, mas ele não se importou. Ignorou-me, sem dar resposta alguma.

Desci para a minha cabine. Estava preocupado e não conseguia dormir. À meia-noite subi ao convés. Ao pisar no último degrau do tombadilho, ouvi um som zunindo; não sabia de onde vinha, e senti a embarcação tremendo. De repente, uma camada enorme de espuma vinda do mar cobriu todo o convés de proa a popa.

A fúria do vendaval mostrou que o navio era seguro. Mas estava inteiramente inundado, com mastros quebrados com suas partes caídas no mar. Enfim, a tempestade terminou e o barco se aprumou.

Não sei explicar ao certo que milagre nos salvou. Acordei assustado pensando que pudéssemos estar na zona de rebentação do litoral. Ouvi a voz de um senhor sueco que havia embarcado conosco. Chamei por ele com todas as minhas forças e, um tempo depois, ele chegou cambaleando na popa. Nós éramos os únicos sobreviventes.

Todos os outros que estavam no convés haviam sido levados para o mar. Os que estavam nas cabines devem ter morrido afogados. Não tínhamos muito o que fazer para salvar o barco. Estávamos paralisados, com medo da embarcação afundar.

A corda da âncora se rompeu, e o navio estava sendo velozmente arrastado para o mar, para uma região de ondas mais altas. O barco tinha sofrido prejuízos consideráveis, com a popa bastante danificada, mas as bombas de água ainda funcionavam, e o lastro mantinha o navio estável.

A parte mais forte da tempestade já havia passado. Já não sentíamos tanto medo. Mas temíamos a chegada de alguma onda maior, o que parecia não ocorrer. Permanecemos assim por cinco dias. Comíamos apenas um pouco de açúcar mascavo que encontramos na proa. Nos quatro primeiros dias seguíamos de sudeste para o sul, acompanhando a costa da Austrália. No quinto dia, a temperatura caiu muito. Houve um frio extremo, embora o vento estivesse na direção norte. O sol nasceu amarelo e fraco, logo acima do horizonte.

No céu, nenhuma nuvem era vista. Mas o vento soprava em crises intermitentes. Devia ser próximo ao meio-dia quando o sol novamente chamou a nossa atenção. Seus raios ficaram sombrios, como se estivessem se apagando inexplicavelmente. Víamos apenas um anel prateado turvo quando, por fim, sumiu no fim do oceano.

Ainda esperávamos pelo sexto dia, que ainda não havia chegado para mim e para o sueco não chegaria. Repentinamente, fez-se uma escuridão tão densa que não se enxergava mais nada a quinze metros de distância.

Tudo ficou escuro e não havia nem mais o brilho do mar para nos iluminar. Embora ainda houvesse tempestade, percebi que não havia mais tantas ondas e espuma.

Tudo ficou terrivelmente negro, assombrando silenciosamente a minha alma e a do sueco. Ficamos segurando no mastro e observando o imenso oceano que nos cercava. Perdemos a noção de tempo e espaço. Cada momento parecia ser o último. Cada vagalhão parecia que iria nos esmagar. Não sei como não fomos levados pelas ondas.

O sueco comentou comigo sobre a leveza de nossa carga e a qualidade do navio. Mas eu não parava de pensar na perda da minha esperança. Já estava preparado para a morte, que pensava vir em questão de minutos, a cada metro que avançávamos no mar. E as ondas ficavam cada vez mais fúnebres e assustadoras. Ficávamos ofegantes, enquanto o barco nos levava à altura de albatrozes e repentinamente nos afundava velozmente em um inferno aquático.

Em uma dessas vezes que o barco nos levou ao fundo do vale da onda, o sueco gritou em meus ouvidos:

– Olha lá! Olha lá! Senhor todo-poderoso! Olha lá! Olha lá!

Enquanto ele berrava, vi o brilho de uma sombria luz vermelha que refletia em nosso convés. Olhei para cima e vi algo tão incrível que senti congelar o sangue das minhas veias. Bem alto, acima de nós, flutuava um navio gigantesco de umas quatro mil toneladas. Embora estivesse na crista de uma onda cem vezes maior do que nossa embarcação, deveria ser maior do que qualquer outro barco da Marinha ou da Companhia das Índias.

Seu casco era completamente preto, sem os entalhes que geralmente observamos nos navios. Havia uma fileira de canhões de bronze que se projetavam das portinholas abertas. Mas o que mais me deixou horrorizado e atordoado foi que ele navegava sobre um mar sobrenatural, nas garras de um furacão gigantesco.

Inicialmente, só vimos a proa, enquanto ele subia lentamente e deixava para trás toda a escuridão de um abismo. Em um momento de terror, ele estacionou sobre o ápice de uma crista, e então caiu.

Naquele momento, não sei como pude me controlar. Fui cambaleando até a popa, onde me agarrei ao navio, que começava a afundar. O choque daquela outra embarcação de maior tamanho atingiu uma parte submersa de nosso navio e fui arremessado até a estranha nau, aterrissando em um cordame.

A misteriosa embarcação, então, virou para outra direção e prosseguiu seu caminho. Talvez graças à confusão que acabara de ocorrer, percebi que a tripulação não havia notado a minha presença. Com uma certa dificuldade, caminhei escondido até a escotilha principal, que estava parcialmente aberta. Assim, pude me esconder no porão de carga. Não sei explicar o porquê de eu ter feito isso. Acho que o temor de ver os marinheiros pela primeira vez me fez procurar um local para me esconder. Eu não estava disposto a confiar naquelas pessoas. Achei melhor me esconder no porão, arrancando algumas pranchas do chão para fazer um abrigo entre as vigas gigantescas daquele navio.

Assim que acabei de construir meu abrigo, ouvi passos no porão e fui me esconder. Um homem passou lentamente ao lado do meu esconderijo. Não consegui ver seu rosto, mas consegui ver que, de forma geral, parecia ser uma pessoa de idade avançada e com alguma doença. Tinha o andar de um idoso com problemas no joelho. Ele falava baixo consigo mesmo em um idioma que eu não compreendia. Andou num canto do barco, em meio a instrumentos e mapas que eu desconhecia.

Seu comportamento era uma mescla da rabugice de um velho e da austeridade de um deus. Depois de um tempo, ele subiu ao convés e não o vi mais.

Comecei a sentir algo que não consigo descrever. Já faz muito tempo que andei pela primeira vez no convés desse navio assombrado. A tripulação parecia estar em um transe meditativo que eu não conseguia compreender. Eles passavam por mim e não me notavam. Percebi que não precisava mais me esconder, porque aquelas pessoas não podiam me ver. Passei em frente aos olhos do imediato. Entrei na cabine privada do capitão, de onde tirei o material que uso para escrever essas palavras.

E assim, de tempos em tempos, darei continuidade a este diário. Sei que talvez não tenha oportunidade para mostrá-lo ao mundo, mas não posso deixar de tentar. No último momento, colocarei este manuscrito em uma garrafa e a lançarei ao mar.

Por um momento, fiquei imaginando se este navio também não estaria desgovernado. Subi ao convés e deitei em um bote. Pensando em meu destino insólito, pincelei a palavra “descoberta” em uma vela que agora está içada no navio.

Observando o barco mais atentamente, percebi que, embora tivesse um bom armamento, aquele não era um navio de guerra. Toda a construção e equipamentos sugerem isso, mas o que ele é de verdade, é impossível de saber.

Seu tamanho, seu conjunto gigantesco de velas, sua proa simples, sua popa antiquada, tudo me parece familiar. Tudo mesclado às sombras das minhas lembranças e de histórias estrangeiras antigas que eu ouvia falar.

Reparei no madeiramento desse navio. O material não me é estranho. Tem algo neste tipo de madeira que me parece impróprio para uma embarcação. É feito de algo poroso, que poderia ser facilmente consumido por insetos ou apodrecer rapidamente. Pode parecer estranho, mas a madeira parecia de um carvalho espanhol, expandido por algum processo artificial.

Lendo o parágrafo acima, recordo-me de um navegador holandês que dizia: “É tão certo que há um mar onde o navio aumenta de volume, como o corpo vivo de um marinheiro”.

Há mais ou menos uma hora atrás, resolvi vagar novamente entre os tripulantes do navio. Continuavam não me dando atenção, mesmo quando eu parava na frente deles. Simplesmente, eles não se davam conta de minha presença.

Assim como aquele homem que apareceu no porão, todos eles pareciam ter idade avançada: tinham joelhos que tremiam por alguma doença, ombros curvados, peles enrugadas, vozes baixas e trêmulas, olhos opacos e cabelos grisalhos que mal se moviam sob o vento. Ao redor deles havia instrumentos que eu desconhecia, mas me pareciam obsoletos.

Há algum tempo atrás uma vela foi içada. O navio estava sendo arrastado pelo vento, avançando rapidamente para o sul, com todas as suas velas esfarrapadas sendo usadas. Elas eram feitas de panos que pareciam largados, e balançavam as vergas, as quais se prendiam nos mastros, de uma forma apavorante que você nem pode imaginar.

Saí do convés, onde eu quase não conseguia ficar de pé, embora a tripulação não parecesse ter problemas com o chacoalhar do navio. Parecia um milagre para mim que aquela embarcação não fosse engolida de uma vez para sempre. Parecíamos condenados a navegar infinitamente por toda a eternidade, sem nunca mergulhar em um abismo.

Havia ondas mil vezes maiores do que as que eu já tinha visto. Mas mesmo assim, planávamos com a agilidade de uma gaivota. As águas se erguiam sobre nós como demônios que vinham das profundezas, mas como se não pudessem nos fazer mal algum.

Atribuo a nossa salvação à única causa natural que me fazia sentido: suponho que o barco esteja sendo levado por alguma corrente forte ou por uma ressaca no meio do mar.

Fui até a cabine do capitão e fiquei cara a cara com ele. Mas ele não me deu atenção, como era de se esperar. Seu rosto não parecia humano, e senti um certo espanto ao encará-lo. Tinha uma altura próxima à minha, cerca de um metro e setenta. Tinha um corpo normal, nem robusto, nem franzino. Mas o que mais me chamou atenção em seu rosto foi sua velhice. Tão profundo, maravilhoso e extremo, algo indescritível; seu rosto, embora pouco enrugado, trazia as marcas da idade. Seus cabelos grisalhos eram um registro de sua vida. Seus olhos cinzentos profetizavam o futuro.

No chão de sua cabine, havia vários livros com fechos de ferro, instrumentos científicos enferrujados e mapas que pareciam obsoletos. O capitão apoiava sua cabeça com as mãos e se concentrava em um documento que parecia ser uma procuração assinada por um monarca.

Ele murmurava consigo, como fazia aquele marinheiro que desceu ao porão logo quando cheguei neste navio. Uma fala rabugenta de algum idioma desconhecido. Embora estivesse ao meu lado, sua voz parecia a de uma pessoa que estava há um quilômetro de distância de mim.

O navio e tudo o que havia nele pareciam muito antigos. Os marinheiros se movimentavam deslizando como fantasmas enterrados há séculos. Seus olhares eram ansiosos e apreensivos. Quando seus vultos cruzavam meu caminho, em frente às lanternas de batalha, sentia algo estranho. Uma sensação desconhecida até para mim, que fui negociante de antiguidades.

Quando olho ao redor, me envergonho do que sentia quando aqui cheguei. Estava amedrontado com a tempestade que me trouxera até aqui, horrorizado com a guerra entre o vento e o oceano. Tudo o que há ao redor do navio são as trevas da noite e o caos de água sem espuma. Consigo enxergar o que há até uma légua de distância do barco. Algumas geleiras podem ser vistas próximas ao horizonte, formando como se fosse uma muralha do universo.

Como imaginava, o navio seguia uma corrente, se é que posso chamar assim essa maré que uiva e grita pelo gelo branco, levando-nos para o sul em alta velocidade, como se fôssemos levados para uma catarata.

É impossível explicar os horrores de minhas sensações, embora a curiosidade de penetrar nesses misteriosos lugares seja maior que o meu desespero. E esse sentimento alivia o meu medo da morte. Estávamos indo em direção a algo revelador. Algum segredo que não poderá ser revelado, cuja descoberta será nossa destruição. Talvez essa corrente nos leve para o Polo Sul. Pode parecer improvável, mas tudo me leva a crer.

Vejo que os marinheiros, agora, estão inquietos e amedrontados. Há uma expressão em seus semblantes que parece mais o desejo da esperança do que a indiferença do desespero. Enquanto isso, o vento sopra na popa e, como temos velas enormes presas aos mastros, o navio às vezes flutua sem tocar o mar. Horror dos horrores! O gelo se abre dos dois lados do navio e começamos a girar em círculos dentro de um auditório gigantesco, cujas paredes altas se perdem na escuridão e na distância. Há pouco tempo de sobra para pensar em meu destino! O círculo diminui e estamos sendo puxados por um redemoinho, em meio aos rugidos e urros do oceano e da tempestade. O navio treme e – meu Deus! – afundando!



Manuscrito encontrado em uma garrafa, de 1833, foi o primeiro conto publicado pelo escritor americano Edgar A. Poe.

A história é o relato de um marinheiro em uma viagem cheia de acontecimentos que assombraram a sua vida para sempre.